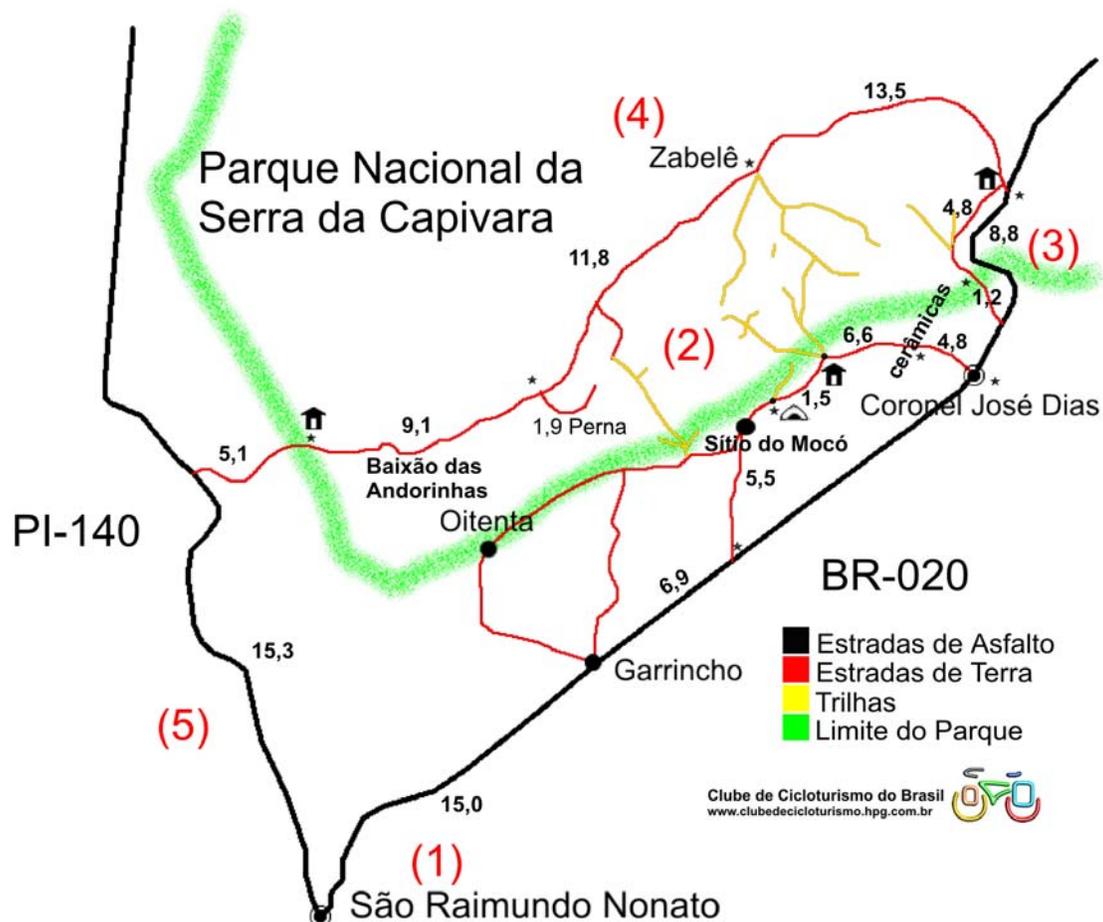


Roteiro: Sítios Arqueológicos do Nordeste

Integrantes: Alisson Dias, Eliana Garcia e Rodrigo Telles

Época: Fev de 2001

Duração: 1 mês.



Serra da Capivara

A Serra da Capivara é o melhor lugar para quem quer ver resquícios dos homens pré-históricos. É riquíssimo tanto em quantidade quanto em qualidade. É um lugar muito bom para pedalar apesar de alguns problemas como falta de água e os insetos (abelhas, vespas e mutucas)

- 1) São Raimundo Nonato é uma cidade relativamente grande, porém com problemas de abastecimento de água, e esgoto a céu aberto. Acho que é melhor fazer logo o que tem para fazer lá e depois se mandar para o Sítio do Mocó.

Qualquer problema, dicas ou informações podem ser conseguidos na Fundação do Homem Americano (FUNDHAM), ou na Central de Informações Turísticas (Central dos Guias), que

ficam na cidade, ou no próprio IBAMA a 2km da cidade, onde aliás, fomos muito bem recebidos.

O Museu da fundação fica a 3km da cidade e com certeza merece ser visitado. Além da grande quantidade de material arqueológico, possui muita informação interessante. (R\$ 6,00 e com carteirinha de estudante é metade)

- 2) Para entrar no parque é obrigatório estar acompanhado de guia. Foi difícil conseguir na cidade um guia que nos acompanhasse de bicicleta pelo parque (eles queriam cobrar muito acima da diária de guia que era de R\$ 25,00). Só fomos conseguir lá no Sítio do Mocó, a vila que fica na entrada do parque. Lá há camping (com chalés), posto telefônico e uma pequena venda, mas é melhor fazer as compras na cidade. A guarita do parque fica a 1,5km do camping.

Logo Chegamos à Pedra Furada que é uma formação geológica incrível. Outras formações como cânions, fazem o parque ser um local extremamente agradável de se pedalar ou caminhar. Existem também dezenas de Tocas com pinturas rupestres que são acessíveis a partir daqui. Porém visitamos apenas as mais importantes. Para conhecer tudo seria necessário cerca de uma semana.

Dos passeios que fizemos por ali, o mais impressionante foi o do Caldeirão dos Rodrigues, com uma vista do alto muito bonita para toda a serra.

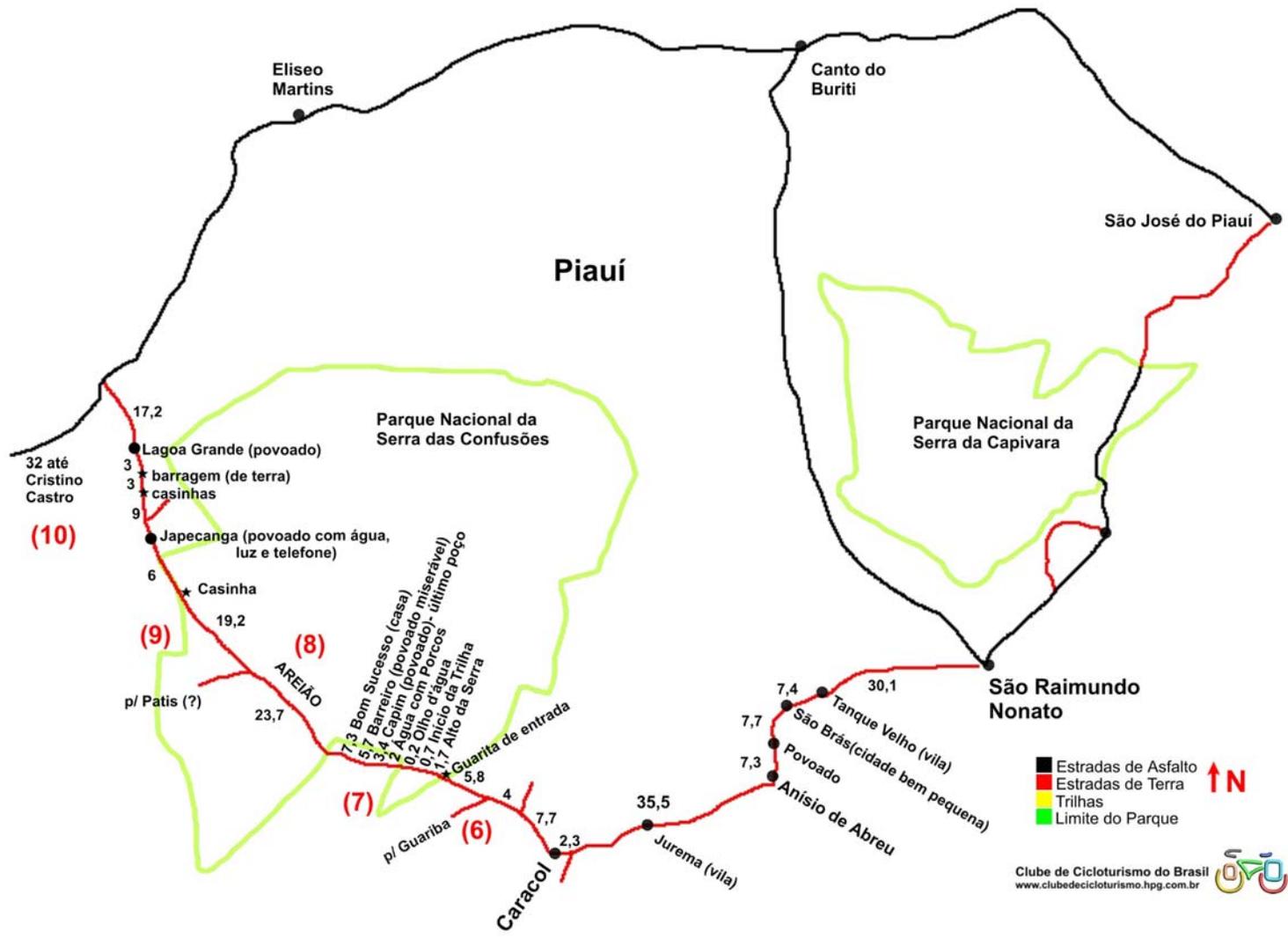
- 3) A estradinha do desfiladeiro dá acesso a diversas Tocas muito interessantes. Um dos passeios mais interessantes é o do Baixão da Vaca, cuja trilha de mais de uma hora passa por cima e por dentro de um grande cânion.

Nós subimos pelo asfalto (PI-020) e da guarita de cima (é a mais ao Norte) fomos descendo pela estradinha e fazendo os passeios (a guarita de baixo não permite a entrada, é só para sair). Os passeios que fizemos foram: Toca do Pajaú, Toca do Neguinho Só, Toca do Baixão da Vaca, Toca do Veadinho Azul e Toca do Paraguaião.

- 4) A travessia do parque pelo Zabelê já é bem mais selvagem. De uma guarita a outra são 34,5 Km sem encontrar ninguém, nem água. E por causa das regras do parque, não é possível pernoitar lá dentro (nem é aconselhável, tendo em vista que há caçadores). A estradinha é bem conservada, porém em vários trechos pegamos areões fortes que impedem de pedalar. O jeito é empurrar. Uma recomendação importante são as roupas. É bom se proteger com calça e blusa comprida para não ser picado pelas mutucas, que infestam alguns trechos. São centenas e o mais interessante é que elas conseguem pegar o vácuo da bicicleta. Foi a primeira vez que eu consegui enxergar o vácuo de verdade. Mas se você estiver de roupa fique tranquilo, elas não são tão bravas.

Ainda conhecemos mais duas Tocas interessantes no caminho do Baixão do Perna, e por fim o espetáculo da velocidade de pouso das andorinhas no mirante do Baixão das Andorinhas (o horário é ao por do sol, entre 17:30 e 18:30, é bom se informar antes).

- 5) Menos de 25km depois da guarita e estamos de novo em São Raimundo. A estrada para Caracol é toda de piçarra (cascalho) e em alguns trechos tem uma “ciclovia” de terra na lateral da pista. Dormimos no meio do caminho, em São Brás, onde conseguimos tomar banho de chuveiro. Já Caracol, tem sérios problemas de abastecimento de água e o banho do hotel é de canequinha.



Serra das Confusões

Esta é uma travessia realmente selvagem para bicicletas. Não aconselho para quem não tem experiência de viagem em lugares isolados. O parque na verdade por enquanto só existe no papel e, portanto o acesso é livre, bem como acampar lá dentro (pelo menos por enquanto, a guarita estava em construção). Aqui o problema é o inverso da Serra da Capivara. Ao invés de excesso de regras e controle, existe a falta de informação e pontos de apoio. Quem quiser conhecer só a parte mais turística do parque, pode ir só até a gruta e voltar.

Alguns conselhos são:

- Ir na época de chuvas (verão), quando a caatinga está verde e ainda é um pouco mais fácil de encontrar água.
- Use roupas compridas para se proteger dos insetos (abelhas, pernilongos e mutucas).
- Informe-se muito bem do estado de conservação da estrada e dos pontos de apoio, pois isto pode mudar bastante com o tempo.

6) É bom pegar bastante informação (com o diretor do parque) antes de sair, porque no caminho não há muita gente que conheça o parque. E sempre que encontrar alguém aproveite para perguntar e conferir suas informações anteriores.

A vista no alto da serra é realmente incrível, uma das mais belas da viagem. É possível ver quase todo o parque, com seus canions, chapadas e vales verdes (na época de chuva). A estrada cavada na pedra também é algo inusitado e delicioso de descer de bicicleta.

A entrada para o caminho da gruta não é muito óbvia. Um ponto que é fácil de identificar é um pequeno platô com areia à esquerda (é como se fosse um mirante). Para chegar até a escadinha de ferro, é possível começar a descer à esquerda por aqui, ou um pouco mais para baixo da estrada. É necessário procurar um pouco. A dica é ir caminhando pelas pedras e procurar o vale com árvores.

Na verdade não é uma gruta, pois há uma abertura em cima, parece mais uma fenda gigantesca na pedra. Os efeitos da luz do sol entrando e a água pingando são especiais. Algumas pichações, marcas de alguns imbecis que passaram por aqui, não conseguem estragar o encanto. Ah, é bom levar os cantis para encher num fio d'água do lado da escadinha.

Logo em seguida na estradinha tinha um olho d'água com lugar para acampar, mas tinha bastante abelha (talvez de noite melhore).

7) A próxima água daqui a 2km não deve ser boa, pois cruza a estrada, e serve para porcos e cabras.

O capim é o último povoado que possui um poço. Serão mais de 60km de estrada muito ruim antes da próxima água, por isso, pegue água para pelo menos dois dias. Aproveite também para conseguir algumas informações, porque daqui para frente a coisa piora. Aqui também fica a sede da fazenda do Mitinha, que é quem controla o Parque.

O próximo povoado, o Barreiro, não é um ponto de apoio muito seguro. É extremamente miserável. Curioso como com 5km de distância a situação muda completamente. Não conseguimos nos comunicar direito com os moradores. A maioria permanecia estática nos

observando à nossa volta. Nos sentimos na África. A água é de açude e me parece que é a mesma que os animais bebem.

Daqui saem as caminhadas para o Muquém, que seria uma gruta, e outra para as Andorinhas onde supostamente existem pinturas rupestres e água boa (6km no areão). Porém, não fomos em nenhuma delas por falta de autonomia de alimentos e em virtude desta situação inesperada.

O que nós pensávamos que seria mais um povoado, o Bom Sucesso, era apenas uma casa. Então havia nenhum poço conforme haviam nos informado, e sim, apenas um tonel com água de chuva. Porém, por muito pouco não pegamos a casa vazia.

- 8) Aqui começa o trecho mais difícil. São mais ou menos 20km de areão. Alguns trechos são pedaláveis, outros só empurrando mesmo. Passamos muito tempo empurrando.
- 9) Depois disso a estrada melhora. Fica batida, mas surgem umas piscinas nas partes baixas do trajeto que são bastante difíceis de atravessar sem molhar o câmbio. A solução na maioria das vezes era atravessar empurrando bem pelo cantinho, se raspando nos espinhos mesmo.

Neste trecho, encontramos de vez em quando, clareiras abertas por caçadores na beira da estrada para armar acampamento.

Agora só vamos ver a civilização de novo lá no Japecanga, onde tem água luz e telefone.

10) A travessia termina em Cristino Castro, cidade com mais água do Piauí (2º maior lençol freático do mundo). Os poços artesianos jorram água metros para cima. Existem várias piscinas públicas.

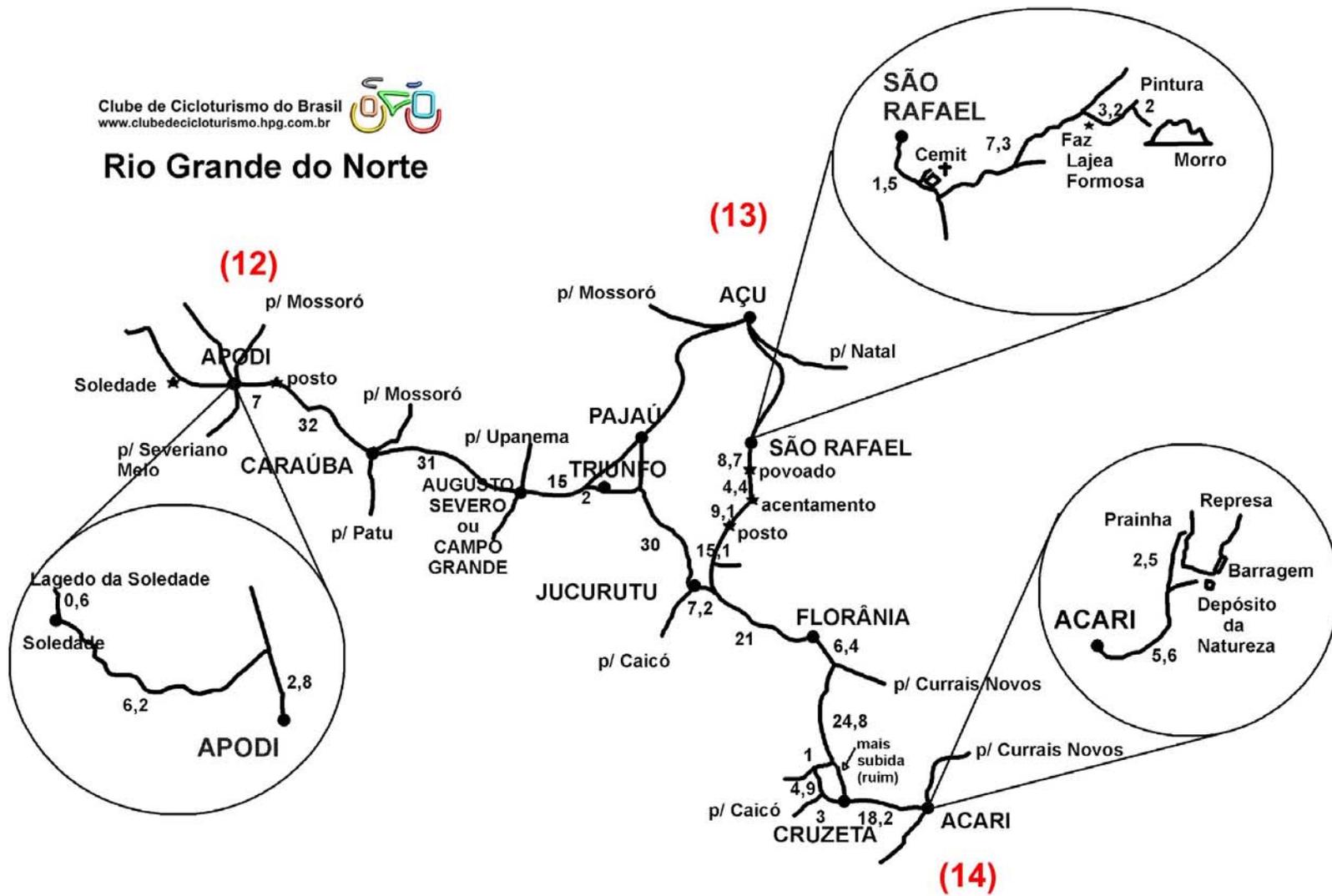
Descansamos à vontade, limpamos as engrenagens e reorganizamos as coisas no Hotel Sérgio Reis.

Sousa (PA)

11) Do Piauí fomos de ônibus para Souza. Lá ficam as pegadas de Dinossauro. Na verdade, existem algumas pegadas também em outras cidades próximas, mas a maior concentração está no Vale dos Dinossauros a 6 km de Souza (5km de asfalto e 1km de terra). As pegadas ficam todas juntas numa pequena laje de lama petrificada. É incrível como existem várias trilhas, umas tão próximas das outras. São cerca de nove espécies de dinossauros identificados pelas pegadas. Como o solo é todo rachado, não é tão fácil identificar as menores. O pesquisador italiano que estuda o lugar há alguns anos, achou agora, uma trilha num lugar por onde ele passava sempre sem notá-la.



Rio Grande do Norte



Rio Grande do Norte

12) A idéia de ir de bicicleta de Souza (PA) para Apodi (RN) foi cancelada por algumas advertências com relação à segurança na estrada. Havia alguma gangue assaltando motos. Então pegamos o ônibus.

O Lagedo da Soledade é outro lugar que vale à pena conhecer e passar o dia. A vila, Soledade, é bem pequena, mas fica a menos de 10km de Apodi. Lá não pode entrar sem guia, mas os guias são voluntários da própria vila e você gratifica com o quanto achar justo.

Trata-se de uma grande laje de pedra toda rachada de cânions (de cerca de 2m). Você vai andando por estes corredores abaixo do nível do solo e passando pelas tocas de pinturas rupestres. E aqui, além das pinturas também existem umas inscrições em baixo relevo na pedra. Não são desenhos, são apenas riscos retos (muitos e em todas as direções). Alguns cânions chegam a 8m de altura e num deles, é possível descer desescalando para chegar até uma toca. Dali, quem tiver um pouco de experiência com alpinismo pode continuar por uma fenda estreita, não pelo chão, mas a meia altura, apoiando os pés, um de cada lado, em espécies de degraus na parede. Se tiver sorte, você vai ver morcegos voando pela fenda, tanto acima da sua cabeça, quanto abaixo dos seus pés.

Peça para o guia lhes mostrar as pedrinhas de que eram feitas as tintas usadas pelos homens pré-históricos. Elas são pretas por fora, mas quando esmagadas geram um posinho amarelo, vermelho ou marrom escuro.

13) Em São Rafael fica a Fazenda Lagea Formosa. Eles não tem nenhuma estrutura para receber o turista (nem placa tem), mas isso é bom porque o ingresso é barato (R\$ 2,00). O interesse maior ali não é nem tanto pelas pinturas rupestres, que quem já passou pela Capivara vai achar um pouco apagadas e sem graça, mas pelo visual e formações rochosas. Os morros são de blocos únicos de pedra branca muito bonitos, e é possível subir no maior deles. Saindo de uma casinha que fica no pé do morro, começamos a subir pela pedra rumando para um grande degrau vertical (tipo uma lasca) que fica bem no topo. Conforme vamos subindo, teremos de escolher um caminho pois a pedra tem várias fendas paralelas que nos acompanham na vertical em direção ao topo. A trilha começa no mato, numa linha imaginária que sai na direção da parede de pedra lá do topo, portanto mais à esquerda que a parede. Suba. Se errar, desça e suba depois da próxima fenda. Mas tome bastante cuidado pois há muitas plantas com espinhos, inclusive urtigas. O visual lá em cima é incrível.

Tem também um outro lugar que se chama suvaco (é possível ver de cima do morro), que é uma toca gigantesca (sem pinturas), com uma parede de pedra inclinada para frente protegendo da chuva.

A caminho de Acari, passamos por Florânia, que é uma cidade bonitinha (e um pouco mais úmida do que a caatinga que estamos acostumados).

A estradinha de terra para Cruzeta vale à pena porque é muito característica, com cactos, alguns pássaros e trabalhadores rurais.

14) Acari é uma cidade que mereceria pelo menos uns 4 ou 5 dias de estadia. As pinturas daqui são totalmente diferentes das que já conhecemos até agora. Possuem movimento e são bem elaboradas (eu diria até que são mais maduras). Porém só pudemos vê-las através de um livro pois elas estão divididas em alguns sítios um pouco distantes da cidade. Assim, como

só tínhamos um dia desistimos e fomos visitar o Museu do Sertanejo na cidade e o Depósito da Natureza a 5,6km dali. Este último é um museu de bichos empalhados organizado por uma bióloga que possui uma reserva RPPN. Ali também fica a barragem da represa e dois quilômetros e meio para frente fica a prainha de areia com um buteco.

15) De Acari (RN) para Cabaceiras (PA) pegamos um ônibus porque nosso tempo estava ficando curto. Aqui em Cabaceiras vamos para a Fazenda Pai Mateus. Mas o melhor é dormir na cidade e no dia seguinte ir para lá pois desde que filmaram “O Alto da Compadecida” aqui, foi construído um hotel na fazenda e começaram a cobrar preços para gringo. A maior atração é a pedra do Capacete. As formas das pedras são incríveis.

16) Ir para Ingá sem passar por Campina Grande, parecia que ia ser difícil. Não foi tão difícil, mas também não foi tão fácil. A grande vantagem, além de não ter que pegar a BR, é que passamos por Queimadas onde há uma ótima padaria com pão de queijo e tudo. O único defeito de Queimadas é que não encontramos nenhum lugar para ficar (devido à proximidade de Campina Grande). Então seguimos para Fagundes. Depois, para Itatuba por dentro das fazendas. Este foi o trecho de maior dificuldade porque existem dezenas de caminhos o que nos deixou um pouco perdidos. Perguntando sempre, acabamos chegando. Parece que não tem muito risco de se perder de verdade porque, pelo que eles diziam, todas as estradas levam a Itatuba (sei lá). Com mais 22km de asfalto começados com uma incrível subida chegamos finalmente a Ingá. A Pedra do Itacoatiara é uma visita rápida, porém imperdível pois é diferente de todos os outros registros deixados pelo homem das cavernas que já tínhamos visto até aqui. São desenhos em baixo relevo na pedra e os formatos são dignos dos designers modernos.

Depois de tanta pedra, areia e espinho, só mesmo com um banho de mar em João Pessoa para agüentar a volta.



Paraíba

